

Quem cuida de quem cuida? Oficina de produção de cosméticos para a promoção do cuidado coletivo com a Roda de Mulheres do Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM)

Lohrene de Lima da Silva Navegantes¹, Jacqueline Miranda dos Santos², Viviane do Socorro Pereira de Souza³, Patricia Cardoso de Jesus⁴, Ana Lúcia Nunes de Sousa⁵

Resumo

A comunicação entre universidade e territórios, por vezes, se faz de maneira hierárquica e extrativista. Neste trabalho, apresentamos um relato de experiência do encontro comunicativo na Serra da Misericórdia com as mulheres do Centro de Integração, em que nos entrelaçamos para propor um dia de reflexão com as mulheres que moram e constroem a resistência no território. Com elas, construímos a pergunta: “Quem cuida de quem cuida?”. O trabalho apresenta um relato de nosso cuidado mútuo para uma construção coletiva do conhecimento e encontros dos saberes das estudantes pós-graduandas do Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, de diversas áreas do conhecimento, e mulheres intelectuais do território. Com referenciais teóricos advindos da epistemologia feminista negra, nos atentamos à ética do cuidado para produzir encontros formulativos que não se cessaram em um dia, mas que desdobraram na continuação dos vínculos entre as participantes para um fazer compartilhado e integrativo que se propõe a um fazer “com”. A utilização da roda de conversa, nesse processo, foi essencial para fortalecer a formação acadêmica das autoras, permitindo uma reflexão crítica sobre as próprias práticas, ampliando a compreensão dos saberes presentes no território e reforçando o compromisso com uma educação mais dialógica e transformadora.

Palavras-chave

Cuidado coletivo. Cosméticos. Relato de experiência. Comunicação.

¹ Doutoranda do Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: limalohrene@gmail.com.

² Mestranda do Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: jacquems1810@gmail.com.

³ Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: vs.sosouza@gmail.com.

⁴ Mestranda do Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: contatopatricia.c.jesus99@gmail.com.

⁵ Doutora em Comunicação e Jornalismo pela *Universitat Autònoma de Barcelona*, Espanha; professora adjunta no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: analucia@nutes.ufrj.br.

Who takes care of the caregivers? Cosmetics production workshop for the promotion of collective care with the Women's Group of the Center for Integration in Serra da Misericórdia (CEM)

Lohrene de Lima da Silva Navegantes⁶, Jacqueline Miranda dos Santos⁷, Viviane do Socorro Pereira de Souza⁸, Patricia Cardoso de Jesus⁹, Ana Lúcia Nunes de Sousa¹⁰

Abstract

Communication between universities and local communities is often hierarchical and extractive. In this study, we present an account of the communicative encounter in Serra da Misericórdia with the women of the Center for Integration (CEM), where we came together to propose a day of reflection with the women who live and build resistance in the territory. Together, we formulated the question: “Who takes care of the caregivers?” This study presents an account of our mutual care for a collective construction of knowledge and the encounters between the knowledge of postgraduate students from the NUTES Institute of Education in Science and Health, from different fields, and the intellectual women of the territory. Drawing on theoretical frameworks from black feminist epistemology, we focused on the ethics of care to produce formative encounters that did not end in one day but extended into ongoing connections between participants, fostering a shared and integrative practice aimed at working “with”. The use of the round table in this process was essential to strengthen the academic training of the authors, to enable critical reflection on their own practices, to broaden the understanding of the knowledge present in the territory and to strengthen the commitment to a more dialogical and transformative education.

Keywords

Collective care. Cosmetics. Experience report. Communication.

⁶ PhD student at the Nutes Institute of Education in Science and Health, Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: limalohrene@gmail.com.

⁷ Master's degree student at the Nutes Institute of Education in Science and Health, Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: jacquems1810@gmail.com.

⁸ PhD student in Education, Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: vs.sosouza@gmail.com.

⁹ Master's degree student at the Nutes Institute of Education in Sciences and Health, Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: contatopatricia.c.jesus99@gmail.com.

¹⁰ PhD in Communication and Journalism from the Universitat Autònoma de Barcelona, Spain; adjunct professor at the Nutes Institute of Education in Sciences and Health, Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: analucia@nutes.ufRJ.br.

Introdução

Crucial. Fisicamente. Psiquicamente. Cuidar de mim não é autoindulgência, é autopreservação, e isso é um ato político (Lorde, 2017, p. 229).

Lorde (2017) oferece em suas obras ideias profundas acerca da necessidade de cuidar de si mesmo, especialmente para mulheres negras que enfrentam uma multiplicidade de opressões. Suas ideias, marcadas pela interseccionalidade, ressoam como um chamado à ação para a promoção do autocuidado e da resistência contra a opressão sistêmica.

Conforme Audre Lorde (2017) observa, para alguns de nós, a mera existência é uma luta, um ato político. Isso porque em sociedades marcadas pelo racismo, sexismo e outras formas de opressão, a simples existência de indivíduos pertencentes a grupos marginalizados desafia as estruturas de poder estabelecidas. Mulheres são, desde crianças, ensinadas a desempenhar papéis de cuidadoras, colocando as necessidades dos outros antes das suas, muitas vezes às custas de seu próprio autocuidado. Essa dinâmica contribui para a perpetuação das desigualdades de gênero e raça (Collins, 1990). Para desafiar essa estrutura, Lorde (2017) convida as mulheres a cuidarem de si mesmas, reivindicando humanidade e valor. Segundo a autora, isso não é apenas uma questão individual, mas uma questão política e coletiva.

Logo, o autocuidado é ato de empoderamento e desafio às normas opressivas, permitindo-nos o enfrentamento com resiliência e determinação, enquanto mantemos viva nossa individualidade e conexão com nossas raízes culturais (Carneiro, 2023). Dessa maneira, as mulheres devem buscar o equilíbrio entre cuidar dos outros e cuidar de si mesmas, da própria saúde física e mental, bem como da identidade cultural e emocional, reconhecendo que seu bem-estar é igualmente importante ao do outro.

Neste trabalho, descrevemos a realização de uma oficina intitulada “Quem cuida de quem cuida?”, realizada em 2023, na Roda de Mulheres do Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM). A oficina teve o objetivo de produzir cosméticos e discutir a relação entre seus usos e o cuidado coletivo. O CEM é uma associação sem fins lucrativos situada no Complexo da Penha, juntamente com outras comunidades que abraçam o maciço misericordioso, no Rio de Janeiro (RJ), Brasil. A organização visa promover a soberania alimentar nutricional no contexto urbano, atuando nas bases da agroecologia (CEM, 2024).

O CEM dedica-se a três principais eixos de atuação: a promoção da soberania alimentar por meio da agricultura urbana agroecológica, a educação popular e a luta por direitos e justiça ambiental. O CEM se engaja em ações e mobilizações para garantir o acesso aos recursos naturais, como a terra e a água, além de lutar pela proteção do meio-ambiente e pela garantia de condições dignas de vida para a população. A organização trabalha em parceria com outras entidades e movimentos sociais, fortalecendo a atuação coletiva em prol de mudanças socioambientais positivas.

A região atendida pela organização abrange principalmente o Complexo da Penha, e seu público majoritário é composto por mulheres e crianças. O grupo é constituído por mulheres de diversas escolaridades, existem mulheres que não leem e não escrevem, assim como outras que possuem nível superior. A associação busca atender às demandas específicas dessa população, proporcionando acesso a alimentos saudáveis e promovendo a educação alimentar e ambiental como forma de empoderamento.

O CEM possui duas áreas cobertas utilizadas nas ações: a Casa de Apoio e a Escola Popular. A Casa de Apoio possui um ambiente propício para a elaboração de atividades práticas, possui assentos e é onde a maioria das atividades com as crianças ocorrem. A Escola Popular possui espaço com sofás e cadeiras escolares, cozinha pequena equipada com utensílios, fogão, termômetro e mesa.

Metodologia

É relevante destacar que a ação descrita neste trabalho emerge como resultado de uma atividade conduzida no âmbito da disciplina “Comunicação e Educação em Ciências e Saúde”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde do Instituto NUTES da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Essa oficina foi realizada como uma ação do Projeto de pesquisa e extensão “Práticas e narrativas de resistência e re-existência na educação em Ciências e Saúde”, que atua em parceria com o CEM desde 2019, participando de várias atividades com foco na educação e comunicação em Ciências e Saúde. Sendo assim, todas as imagens e falas coletadas durante as oficinas foram autorizadas para divulgação. O projeto, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRJ, tem como parecer de aprovação o número 5.441.834 e número de registro 22640619.0.0000.5286. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelas participantes de forma on-line. Ainda assim, com o objetivo de preservar a identidade das mulheres participantes da atividade, seus nomes

foram trocados por “Participante A, B, C, D”, e assim por diante, ao longo das análises de suas falas neste trabalho.

A turma que participou dessa atividade era composta pelos autores deste artigo, reunindo profissionais de diferentes áreas, incluindo químicos, psicóloga, nutricionista, fotógrafa, biomédica e artista cênica. Cada uma dessas formações iniciais desempenhou um papel fundamental na contribuição de perspectivas distintas e enriquecedoras para a concepção e implementação da atividade.

A realização da oficina foi precedida por uma visita preliminar ao território com o propósito de criar vínculos com o local, as pessoas, suas necessidades e, por fim, realizar um diagnóstico com informações relevantes para o planejamento da atividade. Seguindo a metodologia descrita por Monti *et al.* (2007), dentre as várias demandas identificadas neste diagnóstico, aquelas que estavam relacionadas com a disciplina abordaram questões como o uso de banheiro seco e a produção de sabão para fins comerciais. Contudo, durante a fase de apresentação individual da turma, quando uma das participantes revelou ser professora de Química, uma das lideranças do CEM expressou: “a Química é tão negada para nós”. Essa fala foi especialmente marcante para os dois professores de Química presentes, pois muitos projetos que ocorrem no CEM envolvem a disciplina, embora as frequentadoras do território não fizessem essa relação, pois sabemos que a educação não é ofertada de forma igualitária e acessível (Freire, 1987).

Aliado a isso, a dimensão do cuidado apareceu como aspecto importante de ser trabalhado entre as mulheres da região, visto que a maioria delas exerce dupla jornada, cuidando de seus filhos, maridos, familiares, trabalhando e cuidando de si (Silva, 2020). O cuidado também está articulado às demandas econômicas do grupo, uma vez que as mulheres costumam produzir e vender sabão, e outros itens de cuidado pessoal, como forma de gerar de renda. Nesse sentido, o grupo estava buscando formas mais ecológicas de realizar a produção com a utilização de recursos já produzidos em seu espaço. Dessa forma, foi identificada a demanda por produtos voltados ao cuidado feminino como forma adicional de geração de renda e estímulo à produção de autoestima positiva entre as integrantes (Diniz; Ferreira, 2020).

Nesse contexto, surgiu a ideia de oferecer a oficina de produção de cosméticos, proporcionando a elas um momento exclusivo para si coletivamente, ao mesmo tempo em que teriam a oportunidade de aprender, compreender e compartilhar como a Química está presente em diversos momentos do cotidiano. Além disso, esses encontros nos permitiram aplicar alguns conceitos importantes que estavam sendo trabalhados na

disciplina de Pós-graduação, como uma relação de comunicação em que conhecer o outro é tarefa fundamental, tal como nos ensina Paulo Freire (1983).

A oficina “Quem cuida de quem cuida?”

A ação ocorreu na Casa de Apoio, entre 9h e 15h, e iniciou-se com a partilha de alimentos produzidos e/ou trazidos pelas participantes da oficina para o café da manhã coletivo (Figura 1). Os alimentos da mesa, predominantemente *in natura* (alimento que não passou por nenhuma modificação após a colheita) e minimamente processados (alimentos que passaram por alterações mínimas após a colheita), conforme o guia alimentar para a população brasileira (Brasil, 2014), foram compartilhados em um ambiente propício para a troca de ideias, acompanhados de conversa e música. Posteriormente, a atividade prosseguiu com a participação de 20 participantes dispostas em roda. Segundo Pinheiro (2020), as rodas de conversa são espaços facilitadores do diálogo e da promoção da saúde, possibilitando a problematização de comportamentos de forma horizontal.

Figura 1 – Café da manhã coletivo



Fonte: Acervo de fotos das autoras.

No momento da roda de conversa, cada participante foi convidada a se apresentar, dizendo o nome e respondendo a algumas perguntas disparadoras previamente selecionadas. Perguntas disparadoras, também conhecidas como “questões norteadoras”,

são estratégias pedagógicas que buscam engajar os estudantes ativamente, estabelecendo uma ponte entre o conteúdo curricular e o universo dos alunos, abordando aspectos de seu cotidiano e interesses pessoais (Oliveira, 2020). Embora nossa atividade não envolvesse a relação aluna-professora, adotamos essa abordagem para uma construção mais robusta e duradoura do conhecimento, não apenas orientando o conteúdo, mas incentivando uma postura investigativa, promovendo a autonomia e estimulando a reflexão crítica dos assuntos.

Iniciamos explicando que tais perguntas haviam sido elaboradas para estimular a reflexão sobre o cuidado de si (Freire, 1983). As questões foram: “Quem cuida de quem cuida?”, “O que é cuidar de si?”, “Como você cuida da sua saúde?”, “O que você faz diariamente para se sentir cuidada?”, “Quais são os seus cuidados diários?” e “Como a Química está presente em sua vida?”. As respostas a essas perguntas foram coletadas a partir de gravações em áudio, vídeo e anotações, como parte do processo de compreensão da relação das participantes com o cuidado de si; algumas delas serão apresentadas nos tópicos de “Resultados e Discussão” deste artigo (Monti *et al.*, 2007). Os áudios foram transcritos para a análise e os vídeos foram editados para a criação de um curta-metragem para trabalhos futuros.

A discussão girou em torno da realidade comum de muitas mulheres que, frequentemente, assumem o papel de cuidadoras em suas famílias, dedicando-se a seus maridos e filhos, e muitas vezes deixando de lado as próprias necessidades (Silva, 2020). A proposta da atividade realizada com a Roda de Mulheres visou contribuir para a retomada dos processos de autocuidado e bem-estar, além de oferecer alternativas de produção caseira e venda de produtos cosméticos. Dentro desse contexto, a oficina concentrou-se na produção de três tipos de cosméticos: batom, creme hidratante e *blush*¹¹ (Figura 2). Os materiais utilizados na oficina foram escolhidos para incorporar recursos que as participantes já tinham acesso ou cultivavam.

¹¹ *Blush* é um produto cosmético em pó, creme ou líquido, aplicado sobre as bochechas para dar cor e realçar o rosto, criando um efeito de “corado natural”. Em nossa oficina, produzimos o *blush* em pó.

Figura 2 – Cosméticos produzidos



Fonte: Acervo de fotos das autoras.

A oficina não se limitou apenas à produção dos cosméticos, mas incluiu uma explicação dos aspectos químicos envolvidos na elaboração desses produtos, com a participação ativa de todas as mulheres envolvidas na atividade. Após a confecção dos produtos cosméticos, as participantes foram incentivadas a experimentar os itens recém-produzidos por elas. Para celebrar o resultado do trabalho conjunto, uma sessão de fotos foi realizada. Por fim, a ação foi encerrada com um almoço coletivo, promovendo o fortalecimento dos laços e a partilha de experiências entre as participantes (Figura 3).

Figura 3 – Almoço coletivo



Fonte: Acervo de fotos das autoras.

Resultados e Discussão

Refletindo o autocuidado: “cuidar de si é cuidar da saúde”

A roda de conversa teve participação ativa das mulheres presentes, que discutiram expectativas e desafios, e a falta de tempo para se cuidarem em um mundo cheio de responsabilidades (Figura 4). Esse diálogo evidenciou não apenas os desafios em comum, mas os vínculos invisíveis que as conectam (Sodré, 2014). Durante a oficina, as mulheres demonstraram seu comprometimento com o autocuidado e compartilharam estratégias

práticas para a sua implementação na rotina diária. Suas palavras ecoaram a importância de cuidar de si como uma ação coletiva, um ato de amor e respeito próprio, preservando a saúde e o bem-estar.

Figura 4 – Roda de conversa



Fonte: Acervo de fotos das autoras.

O formato da oficina, pensada pela lógica comunitária Ubuntu (Sousa, 2021), foi aceito pelas participantes, que enfatizaram a alegria em observar a valorização do uso dos produtos naturais e o ciclo de produção envolvido, destacando a satisfação de saber que o que é plantado se transforma em ingredientes para produtos de cuidados pessoais. “Eu fico feliz quando vocês pensam no que a gente planta para produzir cosméticos, é muito legal”, disse a Participante A. Isso ressalta como o autocuidado pode estar conectado com a natureza e a ancestralidade, nos incentivando a fazer escolhas conscientes e sustentáveis para o nosso bem-estar e o do planeta. Boff (2012) nos alerta que a sustentabilidade possui relação direta com o cuidado:

Se a sustentabilidade representa o lado objetivo, ambiental, econômico e social da gestão dos bens naturais e de sua distribuição, o cuidado denota seu lado subjetivo, as atitudes, os valores éticos e espirituais que acompanham todo esse processo, sem os quais a própria sustentabilidade não se realiza adequadamente (Boff, 2012, p. 21).

Além disso, as mulheres enfatizaram o aspecto social do autocuidado (Silva, 2020). Ao se reunirem e compartilharem experiências, elas ressaltaram como o autocuidado pode ser uma ferramenta poderosa para o cultivo de relacionamentos saudáveis e significativos. “Quando a gente vem para cá, a gente se encontra, a gente cultiva os amigos, conversa com os amigos, a gente sempre precisa de amor”, disse a Participante B. Essa frase ilustra como o autocuidado pode ser uma oportunidade para estabelecer conexões significativas com os outros.

Entretanto, a roda de conversa também trouxe à tona a importância de não sermos excessivamente autocríticos. Como a Participante C mencionou, “Nem tudo é culpa nossa, às vezes a gente se martiriza tanto por não dar conta de tudo, de filho e marido”. Essa afirmação nos lembra que o autocuidado não deve ser uma fonte adicional de pressão, mas um instrumento para aliviar as tensões do cotidiano.

A experiência das mulheres na roda de conversa mostrou como o autocuidado pode ser incorporado na rotina diária de maneira simples e eficaz. A Participante C compartilhou como ela utiliza produtos naturais, como o óleo de girassol e tinturas, como parte de seu autocuidado:

Eu fui descobrindo como usar isso no dia a dia. Na minha rotina, eu uso o óleo de girassol, faço tintura e vou para o banheiro, eu me sinto bem. Tanto para uma coisa física, como o cravo, e também por uma questão espiritual com o meu cheiro, com o meu corpo, [...] eu devo muito ainda a esse autocuidado, pois ainda tenho que fazer.

Os relatos deste texto desmistificam a ideia de que as trabalhadoras da terra não possuem vaidade e não cuidam da sua aparência (Silva, 2020), além de salientar a conexão delas com o seu corpo. Este relato mostra que o autocuidado não exige grandes gestos ou investimentos de tempo, mas uma consciência contínua de nossas próprias necessidades e um compromisso em atendê-las.

Paulo Freire (1987) defende a ideia de que a superação das condições de opressão requer a ação coletiva, solidariedade e o trabalho coletivo, transformando a sociedade e criando um mundo mais justo e igualitário. É importante ressaltar que, apesar do empenho dessas mulheres na busca pela autonomia e soberania, a falta de atuação e assistência do poder público é uma barreira para a qualidade de vida e saúde. Mbembe (2018) alerta em seu livro, *Necropolítica*, que soberania não se limita apenas ao direito de governar, não se trata apenas de quem exerce controle sobre a vida e a morte de certos grupos, decidindo quem vive e quem morre. Essa dominação afeta diversos campos da nossa vida, uma vez que cuidar de si é uma prática que vai além da vaidade ou indulgência, sendo uma forma de cuidar da saúde, preservar o bem-estar, cultivar relações significativas e de resistência (Sousa, 2021).

Produzindo cosméticos: “a química é tão negada para nós”

Após a roda de conversa, elaboramos uma oficina de cosméticos que prometia uma experiência prática e envolvente, na qual as participantes seriam encarregadas de criar seus próprios produtos de beleza, utilizando seu conhecimento prático acerca da química que se apresenta no cotidiano e que não é percebida como conhecimento científico, como afirma Carneiro (2023, p. 284):

A negação do outro como sujeito de conhecimento se exprime em políticas nas quais o acesso ao conhecimento é negado ou limitado e que via de regra impõem um destino social apartado das atividades intelectuais. São políticas que promovem a profecia autorrealizadora e legitimadora de uma inferioridade intelectual essencializada e que decretam a morte da identidade como condição de superação do estigma, condenando os sobreviventes a uma integração social minoritária e subordinada.

Para tornar o evento mais dinâmico e interativo, as mulheres foram divididas em grupos menores. Cada grupo se tornou responsável por uma produção específica, incluindo batons, *blushes* e hidratantes. A escolha desses produtos reflete o desejo de abranger diversas facetas do autocuidado, desde o cuidado com a pele até a viabilidade da renda, bem como ter a química mais diretamente relacionada com a atividade.

A cozinha do local se tornou o epicentro da atividade, pois foi neste local que as participantes tiveram a oportunidade de explorar a produção dos cosméticos (Figura 5). A parafina foi derretida e o hidratante foi emulsificado com um mix de ingredientes que, com certeza, continha segredos valiosos para a manutenção da saúde e beleza da pele. Essa abordagem prática permitiu que as mulheres vissem de perto a criação de seus próprios produtos, fortalecendo sua conexão com o processo e incentivando a autonomia no autocuidado. Além disso, é importante destacar que foram utilizados produtos acessíveis às participantes, como o urucum, semeado e colhido no território no qual a oficina foi realizada.

Figura 5 – Produção de creme hidratante na cozinha



Fonte: Acervo de fotos das autoras.

Na mesa de demonstração, os ingredientes foram dispostos em uma variedade de cores e texturas. Cada passo do processo foi cuidadosamente explicado e demonstrado para que todas as participantes compreendessem a ciência por trás da produção de cosméticos. Foi um momento de aprendizado valioso, quando a curiosidade se misturou com a criatividade.

Uma das partes mais cativantes da oficina de cosméticos foi a criação de batons (Figura 6). O grupo teve a oportunidade de escolher entre as cores marrom e laranja, permitindo que cada mulher expressasse sua individualidade de acordo com sua preferência. Essa escolha de cores foi mais do que uma decisão estética; foi uma declaração de que a beleza vem em diversas formas e tons, e todos são igualmente valorizados (Diniz; Ferreira, 2020).

Figura 6 – Produção de batom



Fonte: Acervo de fotos das autoras.

Além de aprender a produzir os próprios cosméticos, as mulheres tiveram a oportunidade de testar os produtos criados, aplicando batom e *blush*, e experimentando a sensação suave e hidratante do produto na pele (Figura 7). Essa experiência prática não

só fortaleceu a compreensão de como os produtos são feitos, mas proporcionou um sentimento imediato de realização e cuidado consigo mesmas.

Figura 7 – Testando os produtos produzidos



Fonte: Acervo de fotos das autoras.

A oficina de cosméticos foi um momento de criatividade, aprendizado e expressão pessoal. Ela nos lembrou que o autocuidado não se limita a cuidar de nossa saúde física e emocional, mas envolve a capacidade de criar e se expressar. As mulheres envolvidas demonstraram uma incrível dedicação a essa prática, e suas criações cosméticas servem como um lembrete constante de que, ao cuidar de nós mesmas, celebramos a beleza única que cada uma de nós traz ao mundo.

Empoderando e fotografando: “amei esse batom que fizemos”

Esta etapa consistiu na realização de registros fotográficos das mulheres utilizando os cosméticos confeccionados na oficina (Figura 8); foi um momento de surpresa com os rostos maquiados. Houve risos de encantamento, timidez e euforia em perceber o olhar empático entre as participantes. Os gestos de maquiarem umas às outras, a prática da Química e da comunicação, entrelaçada por poesia e revelação da beleza única de cada mulher trabalhadora da terra. Elas eram as mesmas, contudo, eram outras, mais ativas, com autoestima a florada e, sobretudo, acreditando no poder que detém de transformação delas e do entorno. A pergunta “Quem cuida de quem cuida?” pode parecer

simples em primeira mão, mas revela características enraizadas de pressões sobre nossos corpos, zelos e atividades (Monti *et al.*, 2007).

Figura 8 – Testando os produtos produzidos



Fonte: Acervo de fotos das autoras.

As Mulheres do CEM estavam de frente para as lentes, estavam a desnudar-se, estavam presentes e presentificadas não apenas pelos produtos que estavam utilizando, mas sobretudo pela coragem em desafiar condições políticas, econômicas e sociais desfavoráveis. Essas mulheres se encontram semanalmente em atos de resistência e re-existência, como diversas vezes profere Conceição Evaristo (2015, p. 108), “eles combinaram de nos matar, e nós combinamos de não morrer”. As mãos que cozinham, plantam, colhem, amamentam, seguram, amarram, lavam, secam, também são mãos que passam batom, *blush* e hidratante (Silva, 2020).

Após as fotos, foi a hora de partilhar a comida novamente. Como em um conto de Eliane Alves Cruz (2018), no qual o tempo é um espaço de início, meio e desfecho dos acontecimentos, a pomposidade das fotos deu lugar à comida. Panelas e pratos eram postos à mesa, ouviam-se agora as andanças de todas nós que, felizes, mais do que antes, nos organizamos para nos alimentar. Mais uma vez, o cuidado coletivo se fez presente, agora em forma de comensalidade (Brasil, 2014).

Considerações finais

A palavra “experiência”, na Filosofia, vem dos sentidos que a realização de algo nos revela. Para a Química, a experiência tende a enveredar para o método científico, da

repetição de algo, do experimento. No entanto, em ambas as áreas a experiência pressupõe a ação, a realização de algo. Os encontros com a Roda de Mulheres tratam da realização de uma oficina, de uma vivência colaborativa a partir da troca de alimentos, cosméticos, conhecimentos, oportunidades e, sobretudo, de compartilhamento de espaços de tempo.

A experiência para nós, grupo de pós-graduandas, não é a mesma que a dessas mulheres, tampouco entre nós do grupo. Entretanto, essa experiência comunga do fator comunicação. Ao longo dos encontros da disciplina Comunicação e Educação, ficamos a todo instante em busca dessa comunicação horizontal, preocupadas com a criticidade e tendo como base a relação. Desde o momento das aulas, até as reuniões acerca de como se daria a oficina, o que nos embasou foi a construção conjunta de um material que integrasse os saberes da química aprendida em sala de aula com o cotidiano das mulheres, rodeadas de fusões, transformações e emulsões.

Para que isso fosse possível, os saberes trazidos da fotografia, da biomedicina, da psicologia, da nutrição e das artes cênicas foram ingredientes fundamentais para essa composição. Essa combinação foi o que deu gosto e sabor à pesquisa (Goldenberg, 1999). A suposta divisão disciplinar que, em um primeiro momento, poderia nos distanciar, teve efeito contrário, a pesquisa complementou-se e as áreas atuaram juntas, em um processo interdisciplinar.

O que foi construído durante a oficina foi o compartilhamento de saberes ancestrais com saberes da Academia, sem sobreposição, sobretudo com afinidades e aproximações que nos ajudam a mitigar séculos de invisibilidades. A roda de conversa começou com a pergunta disparadora “Quem cuida de quem cuida?” e finalizou com a certeza de que “cuidado é bom e eu gosto”, e na resposta da Participante D “a gente só pode sentir prazer quando a gente se libera da culpa... É a estrutura que limita a gente na ação”.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CEM. **Centro de Integração na Serra da Misericórdia** – Rede Ecológica Brasil. Disponível em: <http://redeecologicario.org/areas-de-atuacao/interacao-entre-produtores-e-consumidores/produtores/cem-centro-de-integracao-na-serra-da-misericordia/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BOFF, L. **O cuidado necessário**. Petrópolis: Vozes, 2012.

- CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Zahar, 2023.
- COLLINS, P. H. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness and the politics of empowerment. Boston: Unwin Hyman, 1990.
- CRUZ, E. A. **O crime do cais do Valongo**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- SILVA, A. C. O. *et al.* Mulheres rurais e autocuidado: um estudo de caso acerca das rotinas de cuidados de mulheres na comunidade Chupeiro, em Elizeu Martins – PI. **Cadernos de Agroecologia**, São Cristóvão, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/5911>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- DINIZ, A. C. A. E.; FERREIRA, Z. A. B. A influência da maquiagem para o resgate da auto estima em mulheres. **ID on line**, Piedade, v. 14, n. 53, p. 501-511, 2020. DOI 10.14295/online.v14i53.2875. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2875>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. São Paulo: Pallas, 2015.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LORDE, A. **A burst of light** and other essays. Califórnia: Ixia Press, 2017.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MONTI, E. *et al.* **Manual de comunicación para la salud**: herramientas para la producción de materiales y acciones comunicativas en las prácticas comunitarias. Córdoba: Área de Comunicación del Programa de Reforma de la Atención Primaria de Salud (Proaps), 2007.
- SOUSA, A. L. N. Repensar a comunicação comunitária a partir da filosofia africana. **Comunicação Mídia Consumo**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 200-218, 2021. DOI 10.18568/cmc.v18i52.2483. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2483>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- OLIVEIRA, M. V. Curiosidade, interesse e engajamento: tudo começa com uma boa pergunta disparadora. **Porvir**, 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://porvir.org/curiosidade-interesse-e-engajamento-tudo-comeca-com-uma-boapergunta-disparadora/>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- PINHEIRO, L. R. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, 2020. DOI 10.1590/1980-6248-2019-0041. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/jxjfr8ZtfFkHnJ36CX6mFp/?lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

Submetido em 19 de junho de 2024.
Aprovado em: 12 de novembro de 2024.